

# A construção de um podcast sobre a Rainha Jinga: um relato de experiência

## *Building a Podcast about Rainha Jinga: A Report of the Experience*

Maria Emilia Vasconcelos dos Santos\*

Vítor Matheus de Araújo Barbosa\*\*

Yasmin Christine Coutinho de Sá Leitão\*\*\*

---

### RESUMO

O presente artigo é um relato acerca da pesquisa, elaboração e aplicação de um podcast acerca da personagem histórica “Rainha Jinga”, realizado junto às turmas de 2º Ano do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Dom Bosco, em Recife, Pernambuco. A ação foi desenvolvida por estudantes participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Apresentamos, neste texto, o arcabouço teórico consultado para a produção do podcast, o próprio processo de construção desse material e os resultados e perspectivas concebidos não só após a aplicação do podcast, como também de um questionário interessado em entender o nível de compreensão dos estudantes e os elos criados nessa complexa relação entre passado e presente.

Palavras-chave: Rainha Jinga; Ensino de história; Podcast.

### ABSTRACT

This paper is a research report about the search, elaboration and application of a podcast about the historical personage “Rainha Jinga”, made with the teams of the second Year of the Technical Middle School Dom Bosco in Recife, Pernambuco. The action was developed by students taking part in the “Institutional Scholarship Program for Teaching Initiation, Federal Rural University of Pernambuco”. We present in this text the theoretical framework consulted for the production of the podcast, the process of construction of this material, and the results and perspectives conceived not only after the application of the podcast, but also of a questionnaire interested in understanding the level of understanding of students and the links created in this complex relationship between past and present.

Keywords: Queen Jinga; History Teaching; Podcast.

---

\* Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. emilia.vasconcelos@ufrpe.br <<https://orcid.org/0000-0001-8900-9826>>

\*\* Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. vmitheus@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0002-4105-4633>>

\*\*\* Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. yasmindesaleitao@gmail.com <<https://orcid.org/0009-0002-3829-5783>>

O presente trabalho é fruto de uma ação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).<sup>1</sup> Em 2007, o PIBID foi criado como uma forma de incentivar e promover a formação de futuros professores na educação básica com especificação na área de Biologia, Matemática, Química e Física e, ao longo dos anos, o projeto abraçou as diversas áreas do magistério, tornando-se, assim, uma das políticas mais expressivas dentre as que objetivam melhorar o ensino público (NEITZEL; FERREIRA; COSTA, 2013).

Na edição de 2020-2022 do PIBID do curso de História na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), duas escolas participaram enquanto sedes do projeto: o Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE e a Escola Técnica Estadual Dom Bosco. Os pibidianos foram divididos em dois grupos de dez estudantes cada, para que trabalhassem com turmas de 2º ano do ensino médio dessas escolas. Nosso núcleo foi a ETE Dom Bosco,<sup>2</sup> onde desenvolvemos as atividades do projeto no decorrer de um ano e seis meses.

O início do ano de 2020 trouxe consigo um obstáculo homérico: a pandemia da Covid-19 atingiu o Brasil no mês de março e urgiu a necessidade de uma grande adaptação nas atividades desenvolvidas, que, a partir de então, precisariam ser realizadas de forma remota. Com a mudança, o contato entre os envolvidos com a construção do PIBID, ou seja, coordenadores de área, supervisores nas escolas, licenciandos e estudantes das escolas envolvidas no projeto, ficou restrito ao âmbito virtual, diminuindo não só a eficácia, como também a abrangência da inserção dos pibidianos no cotidiano da escola.

Tornou-se uma necessidade central do nosso projeto produzir conteúdos didáticos que fugissem das práticas docentes mais tradicionais – não por desprezo, mas concebendo a necessidade de oferecer recursos para aprendizagem mais instigantes nesse momento pandêmico desestimulante. Neste sentido, cogitamos diversas possibilidades, levando sempre em consideração as especificidades contextuais, com a ampliação do consumo das redes sociais tornando-se um fator central na nossa pesquisa acerca do ensino-aprendizagem. Como consequência da constatação de um cotidiano ainda mais virtual, passamos a produzir conteúdo didático audiovisual voltados para esses espaços digitais no nosso projeto, trabalhando junto aos estudantes, por exemplo, a produção e utilização de *memes* enquanto material escolar possuidor de valor pedagógico, realizando oficinas através de videochamadas, e até mesmo participando semanalmente das aulas, no mesmo modelo de ensino remoto.

A partir dessas experiências, foi natural considerar a possibilidade de produzir um podcast, motivados não apenas pelo fato de termos consultado um considerável repertório de leitura e pesquisa acerca desse gênero enquanto material didático, como também fruto do entendimento de que muitos professores utilizam essa ferramenta em sala de aula, seja através da escuta ou produção ativa por parte dos alunos. Com a decisão tomada, partimos para o processo de planejamento desse material.

É necessário fazer um parêntese para explicar o eixo temático do nosso PIBID. Esse grupo adotou como norte a Lei n. 10.639/2003, que estabelece o Ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira na educação básica (BRASIL, 2003). Nossas atividades sempre levaram em consideração a necessidade de fortalecer esse campo do conhecimento histórico. É importante ressaltar que essa política, apesar de assegurada em 2003, “passou por diversos estágios, resultado dos movimentos negros da década de 1970 e do esforço de simpatizantes da causa negra na década de 1980” (PEREIRA, SILVA, 2016, p. 2), e decorridos 20 anos, ainda falta muito para que se estabeleça de fato, tanto no currículo quanto na prática docente.

Pensando nisso, tomamos, como conteúdo do nosso podcast, narrativas históricas acerca de negros e negras ainda invisibilizados. Foram produzidos três podcasts: os pibidianos do núcleo CODAI produziram dois episódios, um sobre o Alufá Rufino e outro sobre o Divino Mestre, enquanto nós, do núcleo ETE Dom Bosco, centralizamos nossas ações na figura da Rainha Jinga. Conjuntamente, decidimos construir um questionário de avaliação mútua, em que poderíamos avaliar o grau de aprendizagem dos alunos através do podcast, identificando as suas impressões e os paralelos traçados com o tempo presente, ao mesmo tempo em que receberíamos um *feedback* acerca da qualidade do material produzido.

Finalmente, o presente artigo propõe relatar o processo de construção do podcast e da aplicação do questionário aos alunos da educação básica, refletindo sobre a consciência histórica desse grupo. Discutiremos, inicialmente, a nossa fundamentação teórica, baseada, principalmente, em autores, como Paulo Freire (1996) e bell hooks (2020).

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No caminho de estudar e compreender o que significa “descolonização” e o valor da pedagogia enquanto caminho essencial no desenvolvimento de um pensamento crítico, bell hooks é praticamente incontornável. Em tempos de popularização — muitas vezes, esvaziada de sentido — dos termos “luta antirracista” e “pensamento decolonial”, a consulta aos textos dessa autora, definitivamente, desempenhou papel fundamental em nossa produção.

A colonialidade na educação encontra-se, principalmente, nas formas de dominação e de controle sobre os conhecimentos, materializada em uma visão eurocêntrica acerca do conteúdo presente nos livros didáticos. O resultado é o reforço de uma prática educacional que, em muitos momentos, apenas reitera dogmatismos e estereótipos acerca da identidade do outro, aqui compreendido como aquele que não está circunscrito na História do continente europeu (HOOKS, 2020).

Para construir um material que, de fato, pudesse conectar-se com os nossos estudantes, buscamos compreender a construção social desses adolescentes, nativos digitais, acostumados com a instantaneidade das relações. Jovens que vivem no contexto de uma tecnologia global, que, mesmo limitada pela desigualdade social, possibilita o acesso extremamente rápido a uma infinidade de informações, variando apenas a confiança que podemos depositar sobre alguns desses conteúdos facilmente acessados (CAIMI, 2014).

Compreendendo o caráter da relação dos jovens com a aprendizagem nos tempos atuais, é inevitável debruçar-se sobre o uso da internet, dado que a grande maioria dos indivíduos relaciona-se com mídias oriundas desse meio. A geração *Homo Zappiens*<sup>3</sup> tende a considerar a escola desconectada de seu mundo e devido ao alto fluxo de informações, costuma assimilar um recorte curto da fala de seus interlocutores. Possuindo uma certa dificuldade em manter sua atenção fixada, há um impacto na capacidade de compreensão da explanação de seus professores e de seus colegas estudantes (CAIMI, 2014).

Influenciados pelo uso demasiado das tecnologias digitais, essa geração precisa ser compreendida e, enquanto iniciantes na docência, colocamo-nos na responsabilidade de nos adaptarmos a essa nova realidade. Por isso, pensamos em um roteiro que levasse em consideração a linguagem, as referências e a capacidade de atrair a atenção, fugindo de uma construção textual maçante.

“A imersão dos jovens num mundo repleto de novidades e facilidades tecnológicas, com tão amplo acesso a informações, torna inoperante, em definitivo, a prática de memorização e reprodução que tem dominado o ensino de História” (CAIMI, 2014, p. 169). A reflexão da historiadora torna evidente a necessidade de, em certa medida, reinventarmos-nos, tomando ciência de que, cada vez mais, não há espaço para produzir uma História meramente “decoreba”.

Sair dos métodos tradicionais de ensino de História e “se infiltrar” na internet, conectando a história da Rainha Jinga com o tempo presente e relacionado os conteúdos de História da África com a realidade dos alunos, foi mais uma de nossas estratégias para tornar o recurso didático aprazível ao nosso público-alvo. A aplicação do material junto aos alunos foi capaz de nos mostrar que podíamos produzir um material bem eficiente e de melhor qualidade, e chegamos a excelentes reflexões, que serão detalhadas mais à frente.

Buscando auxílio específico para a compreensão do gênero podcast, utilizamos um artigo produzido por Felipe Estevam Jaques (2020). Ao apresentar os conceitos gerais de um podcast, o autor evidenciou que esse formato de mídia possibilita uma relativa facilidade em sua produção, dado que não necessita de um grande investimento em equipamentos ou conhecimentos técnicos para elaborar um material satisfatório. A capacidade de se manter longo representa também uma grande vantagem, dado que o material produzido, em linhas gerais, não se torna datado facilmente e mantém-se sempre disponível para a escuta – desde que não seja excluído, evidentemente (JAQUES, 2020).

Discutindo dois exemplos de podcast utilizados em sala de aula, experiências retiradas de duas dissertações do Programa de Mestrado Profissional de Ensino de História (Profhistória), Jaques debate modelos de uso do podcast enquanto material didático, sendo que um desses modelos contemplou as nossas necessidades: o proposto por Raone Ferreira de Souza, que utilizamos, até mesmo intuitivamente. Grande parte do roteiro proposto por Souza foi usado, fato que será melhor desenvolvido ao discutirmos o nosso processo produtivo de maneira específica.

Entendendo o processo de ensino e aprendizagem como uma relação mútua de mão dupla, achamos necessário construir uma ferramenta que avaliasse tanto a capacidade de compreensão dos alunos acerca dos conteúdos tratados no podcast, quanto a qualidade do próprio material que produzimos,

para além de um espaço para sugestões e dúvidas. O instrumento pensado para lidar com essa necessidade foi um questionário, a ser aplicado junto aos alunos ouvintes. As perguntas que propusemos foram construídas sob a perspectiva de permitir uma maior liberdade dos alunos em suas respostas, propiciando um espaço em que perguntas também pudessem surgir.

A dúvida, aliada à ação de questionar, é, evidentemente, uma via importante para a construção do conhecimento histórico, ao passo em que não acreditamos em uma educação que se construa através de via única. Nesse ponto, pudemos utilizar o que propunha outro dos nossos referenciais teóricos: Paulo Freire (1996) e a sua “pedagogia da pergunta”. Freire afirma que “estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas dos professores” (FREIRE, 1996, p. 44) desempenha papel imprescindível na relação entre professor e aluno. O autor é, portanto, categórico quando reafirma a necessidade de entender a relação ensino-aprendizagem a partir da ótica da horizontalidade (FREIRE, 1996).

## CONSTRUÇÃO DO PODCAST

A pandemia de Covid-19 trouxe consigo a necessidade repentina de uma adequação do sistema de ensino para o formato remoto, revelando uma dificuldade latente: o acesso à informação permanece desigual. A difusão do uso da internet cumpriu papel importante no processo de popularização desse meio, entretanto, podemos perceber um déficit que segue considerável.

Todo aquele que participou, enquanto discente ou docente, do que é conhecido como “Ambiente Virtual de Aprendizagem”, ou seja, as plataformas de armazenamento de conteúdo didático e as videochamadas que, nesse modelo, representam a sala de aula em si, teve contato com alguém que passou por dificuldades de acesso ou permanência nesse espaço digital. Quedas de conexão, dificuldades de adequação, e até mesmo o próprio desconhecimento acerca do uso dessas plataformas, foram fatores determinantes que levaram, inclusive, à desistência de muitos estudantes, que abandonaram ou nem sequer iniciaram suas atividades escolares e acadêmicas.

Essas reflexões foram levadas em consideração enquanto planejavamos o nosso podcast. Buscando por dados estatísticos, encontramos duas pesquisas

que ratificaram a realidade que vivíamos diariamente: a pesquisa intitulada “Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios” (TIC Domicílios) indicou que, em 2019, cerca de 47 milhões de brasileiros continuavam desconectados, isto é, sem acesso nenhum à internet, com 97% destes fazendo parte das classes C, D e E.

Ademais, em levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), verificou-se que, no contexto escolar, essa desconexão é estimada em cerca de seis milhões de jovens e adultos, com 85% da classe D e E fazendo uso apenas do celular para conectar-se à internet — o que em si já indica um desafio para o processo de ensino, que é muito melhor aproveitado a partir de um dispositivo que possibilite mais conforto, como um computador.

Cumprir papel primordial olhar com bastante atenção para o recorte de classe que esses dados revelaram: como era de se imaginar, é a população pobre quem mais sofre com as dificuldades e/ou ausência de acesso ao ensino remoto. Sendo nosso PIBID ancorado numa escola pública, não poderíamos perder o foco da nossa necessidade, não só de produzir um material didático de qualidade, como também de propiciar um meio de acesso a esse conteúdo. Não teria valor algum um excelente podcast que não pudesse ser ouvido.

Compreendendo as adequações necessárias, o Núcleo ETE Dom Bosco optou por subdividir-se em três grupos: roteiro, edição e gravação. Com essa divisão, cada um pôde ajustar-se para efetuar uma tarefa que combinasse mais com suas habilidades, deixando claro que, embora divididos, os pibidianos estiveram sempre em contato com as atividades de modo geral, já que toda produção foi compartilhada entre os estudantes, a professora supervisora e a coordenação do PIBID História da UFRPE.

Já na esteira do processo de produzir podcasts narrar a vida e trajetória de importantes homens e mulheres, negros e negras, decidimos apresentar a história da Rainha Jinga. O primeiro passo para o início do processo criativo foi o levantamento bibliográfico. Uma das nossas referências mais relevantes foi o livro “Jinga de Angola: A rainha guerreira de África”, de Linda Heywood (2019). Foi a partir dessa obra que conseguimos traçar uma linha do tempo da vida da nossa personagem, delimitando e escolhendo momentos representativos que tornassem claros os atos de resistência de Jinga, ajudando na compreensão dos ouvintes.

Outro importante referencial foi a tese de Mariana Bracks (2018), douto-

ra em História Social pela USP. Intitulado “Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora”, esse texto foi um importante complemento, ilustrando bem momentos cruciais da história de Jinga e que foram transplantados para o roteiro. Alguns desses momentos foram transcritos diretamente de documentos históricos do século XVII e, através da citação e referência da autora, tivemos o contato direto com trechos dos relatos de época escritos pelo padre capuchinho João António Cavazzi de Montecucolo e pelo historiador português António de Oliveira de Cadornega, material que demonstrou-se crucial na montagem do nosso podcast.

Nos debruçamos na sua história de conquistas e resistências, levando em consideração um norte primordial na narrativa: olhar para a vida de Jinga a partir de sua própria perspectiva, uma rainha africana num processo de luta anticolonial e de manutenção do seu reinado. Tivemos todo o cuidado para não transformar Jinga num mero instrumento auxiliar que referencia à História da colonização e das conquistas portuguesas, mera coadjuvante em uma História eurocêntrica. Na melhor das nossas intenções, produzimos uma História decolonial, fortalecendo o movimento necessário de reconhecimento da existência e importância da História dos povos africanos, sem generalismos, focalizando em compreender a especificidade vivida no contexto de nossa personagem (HEYWOOD, 2019).

Buscando explicitar a já referida resistência da rainha Jinga, optamos por elencar alguns tópicos que se mostraram significativos em sua trajetória. Um dos aspectos centrais, ressaltado durante quase todo o podcast, foi a constante luta por sobrevivência de Jinga, que pode ser visualizada em diversos acontecimentos: durante a sua infância, na década de 1580, Nzinga Mbande — ou Jinga, como optamos por grafar — aprendeu técnicas de luta com o seu pai, rei de Ndongo, travando inúmeras batalhas ao seu lado, desde bastante jovem inserida nos espaços de conflito militar. Parte integrante do núcleo governante de Ndongo, Jinga poderia se contentar em conservar o status de filha, e depois irmã do rei, exercendo certos privilégios que lhe cabiam, o que certamente não lhe bastou. Uma constante insubmissa, já uma agente política reivindicando o poder de Ndongo, sofreu diversas tentativas de assassinato, teve suas irmãs raptadas pelos portugueses, precisou se exilar e buscar novos aliados políticos, mas nunca pereceu aos seus inimigos (HEYWOOD, 2019).

Para além da veia militar e do espírito guerreiro, optamos por destacar



trechos que evidenciam a alta capacidade intelectual de Jinga, como por exemplo, quando representou, como diplomata, o Ndongo junto ao Império Lusitano, já que era conhecedora da língua portuguesa. Enquanto enviada oficial, não se submeteu aos interesses portugueses, rejeitando o que analisava ser uma posição de inferioridade política, e engendrando uma conversão ao catolicismo como estratégia para a conservação do seu poder — numa clara demonstração do seu repertório cultural (HEYWOOD, 2019).

Apontamos no roteiro do nosso podcast que Jinga entendia os mecanismos sociais e religiosos do mundo cristão, fato que simbolizamos em um episódio bastante importante dos anos finais da sua vida: para resgatar suas irmãs Mukumbu Mbande e Kifunji Mbande, que haviam sido sequestradas pelo Império Lusitano, enviou uma carta ao Vaticano, e consolidou o processo de conversão ao catolicismo de Ndongo-Matamba, já que nessa altura havia conquistado o reino vizinho. Ou seja, para além de entender do processo político, a rainha Jinga foi capaz de mais uma vez moldar a sua religiosidade e de seu povo, de modo a garantir, por um lado, autonomia política de Ndongo, e por outro, a sua própria ambição (HEYWOOD, 2019).

O legado de Jinga é incontornável para a História de Angola, e optamos por sobressaltar o seu papel político e relevância histórica, que podem ser observados sobretudo pelos usos da sua imagem no tempo presente. O legado de Jinga, apesar das tentativas de silenciamento histórico, manteve-se vivo no imaginário coletivo, inclusive atravessando o Atlântico. Tornou-se símbolo dos movimentos de luta pela independência de Angola, contribuindo para moldar a identidade nacional angolana, bem como inspirando centros culturais negros, a exemplo de grupos capoeiristas femininos no Brasil como o “Grupo Nzinga de Capoeira Angola”, centro de educação e de inserção social dedicado à capoeira.

Por fim, desenvolvemos uma descrição geográfica do território onde Jinga viveu e reinou, o segundo maior estado da África Central em seu tempo, correspondente à fração norte da Angola moderna, país que inclusive é intitulado com o termo designado para o rei de Ndongo: Ngola. Quando descrevemos a complexa geografia da região, destacando seus rios navegáveis, importantes para o comércio e agricultura, para além de um planalto onde foi construída a capital Kabasa, buscamos contextualizar o espaço onde Jinga viveu, totalmente fora do repertório da maioria dos nossos estudantes.

O roteiro foi escrito majoritariamente por Júlia Samahra Santos, Mariana Domingos, Natália do Nascimento, Vitor Matheus de Araújo Barbosa e Yasmin Christine Coutinho de Sá Leitão – os dois últimos, coautores deste artigo. Dividimos nosso roteiro em sete partes: uma “Abertura”, com a apresentação do nosso projeto numa curta fala da coordenadora dele, a professora Maria Emilia Vasconcelos; um espaço para analisar as “Relações com o tempo presente”, em que traçamos paralelos entre a realidade de resistência vivida por Jinga e as continuidades do pensamento colonial no hodierno; uma “Introdução”, em que resumimos rapidamente a importância de Jinga, visando prender a atenção para o conteúdo que viria a seguir.

Dissecamos a história, inicialmente, a partir de um “Contexto histórico”, em que situamos o ouvinte na realidade da nossa personagem, localizando Ndongo, terra natal de Jinga, geográfica e politicamente; partimos para os “Antecedentes diretos de Jinga”, quando recuamos um pouco no tempo para narrar brevemente a vida de Jinga antes de assumir o trono, durante sua infância no reino do seu pai e na relação conflituosa com o seu irmão. Para falar da “Ascensão e reinado da Rainha Jinga”, debruçamo-nos sobre suas empreitadas militares e diplomáticas, suas alianças controversas e, evidentemente, sua severa luta anti-colonial, fechando o podcast com uma “Conclusão”, em que retomamos as relações com o tempo presente, indicando a influência e permanência cultural de Jinga no Brasil e na África.

O segundo grupo foi constituído por Pedro Ivo, Rodrigo Neves e Gabriella Vasconcelos, responsáveis por emprestar suas vozes ao nosso podcast. Todo o processo de gravação do podcast foi realizado de forma remota, com cada integrante captando sua voz de maneira individual, tomando os cuidados necessários para produzir um material limpo e sem ruídos. Produzir esse episódio em constante troca revelou-se muito importante, dado que as dificuldades foram coletivizadas e até mesmo o tom da narrativa foi se adequando para o melhor assentamento de cada um dos apresentadores. Nossa impressão inicial foi de que a particularidade de cada um dos pibidianos na interpretação e imposição de sua voz enriqueceu bastante o resultado final.

Com as vozes gravadas, partimos para a edição do podcast, sob a responsabilidade de Catarina Elizabeth do Amaral e Vitor Matheus de Araújo Barbosa. No que diz respeito às vozes em si, dada a boa captação de áudio, tivemos pouco trabalho, eventualmente, aumentando o volume em algum momento ou uti-

lizando filtros que tornassem as vozes mais compatíveis com esse formato de mídia. Todo o processo de edição foi realizado na plataforma *Adobe Audition*.

A partir dessa versão primária, os pibidianos realizaram uma escuta, e apontaram a necessidade de aparar algumas arestas. Desse modo, realizamos alguns ajustes nas vozes, mas principalmente incrementamos uma trilha sonora, sempre utilizando músicas e sons livres para uso educacional, construindo, assim, uma ambientação que julgamos muito interessante. Os sons de guerra, barulhos do mar e os batuques tipicamente angolanos compuseram muito bem junto às vozes dos nossos apresentadores.

Essa segunda versão acabou por tornar-se a definitiva, passando pelo crivo da professora responsável e da nossa coordenadora. Gostamos bastante do resultado final, com o podcast possuindo uma duração de 30 minutos, dentro do que considerávamos um tempo hábil para a escuta dos alunos – opinião que acabou por se alterar após a aplicação dos questionários, fato que será posteriormente discutido.

Costurando estratégias para lidar com as dificuldades de acesso dessa parcela “desconectada” dos alunos, hospedamos o podcast em três plataformas: no Spotify,<sup>4</sup> para aqueles com pleno acesso à internet; no YouTube, levando em consideração que alguns planos de internet possibilitam uma utilização mais barata dessa plataforma, com menor consumo de dados de internet móvel; e enviamos o arquivo para os estudantes através do WhatsApp, rede social bastante popular e que permite o download do arquivo.

## APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Com o podcast pronto e publicado, partimos para a última etapa: apresentar o conteúdo aos alunos e compreender o resultado dessa interação. Prevendo possíveis dificuldades, e até mesmo com o ideal de entregar uma base mínima de auxílio anterior ao contato inicial com a história de Jinga, preparamos uma aula, em que, brevemente, apresentamos do que se tratava o podcast e a importância dessa ferramenta de mídia, discutindo também a resistência de Jinga e a realidade histórica de uma rainha africana guerreira no século XVII.

Já nessa aula recebemos algumas perguntas reveladoras, como no momento em que um dos estudantes trouxe ao debate a polêmica questão que sugere que Zumbi dos Palmares possuía escravos. Por coincidência, num 19 de

novembro, um dia antes da data em que refletimos a vida das pessoas negras na sociedade brasileira, conseguimos esclarecer algumas dúvidas, apontando a importância de localizar os sujeitos historicamente, de modo a fugir de apontamentos anacrônicos e mal intencionados que partem de determinados setores da sociedade. Foi um reforço a nossa já preestabelecida noção de que é necessário discutir a escravidão e o momento posterior ao 13 de maio, disputando o ambiente virtual, espaço em que indivíduos que propagam narrativas perversas e revisionistas ainda imperam.

Após a aula, o podcast foi compartilhado com os alunos, que tiveram liberdade para ouvir o programa da forma que julgassem mais aprazível, sem um tempo determinado para a escuta. A atividade avaliativa dos alunos foi em formato de questionário,<sup>5</sup> com perguntas que formulamos visando identificar o nível de compreensão histórica e a percepção do nosso conceito-chave – resistência – na vida da Rainha Jinga e na realidade vivida, inclusive, por alguns deles, nos dias de hoje.

Nosso questionário foi produzido a partir da plataforma *Google Forms*, com questões abertas e um campo amplo para a resposta, sem limitação ou número mínimos de palavras ou linhas. De caso pensado, propusemos perguntas curtas, pouco conteudistas, e muito mais interessadas em produzir um *feedback* realista sobre o sentimento gerado pelo podcast, os paralelos traçados pelos alunos e as eventuais críticas e desaprovações.

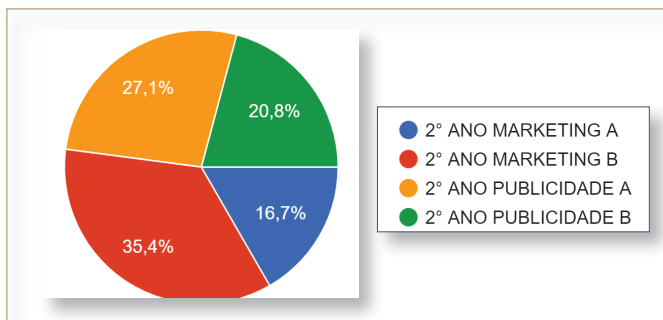
Produzimos sete perguntas, listadas a seguir:

1. Antes de ouvir o podcast, vocês já tinham ouvido falar da rainha Jinga?
2. Quais dos conteúdos abordados no podcast mais chamaram a sua atenção?
3. O material auxiliou na construção de aprendizagem? Se sim, o que vocês consideram que aprenderam com o podcast?
4. De que forma vocês identificaram a noção de “resistência” presente na vida da Rainha Jinga?
5. Quais das questões vivenciadas por Jinga, que, mesmo de maneira diferente, vocês acham que permanecem influenciando no tempo presente?
6. Quais dúvidas e perguntas esse podcast lhe proporcionou?
7. Sinta-se livre para sugerir, criticar, ou tecer qualquer comentário sobre o podcast, ajudando-nos a melhorar nas próximas produções.

O podcast sobre a Rainha Jinga foi pensado e produzido visando turmas de 2º Ano do Ensino Médio e, como se trata de uma escola técnica, os estudantes são divididos pelos turnos e pelo curso técnico no qual estudam. Portanto, as turmas em questão tratavam-se de: 2º Ano Marketing A, 2º Ano Publicidade A, 2º Ano Marketing B e 2º Ano Marketing A, totalizando um número de 120 alunos. Com um prazo estipulado e uma determinada pontuação associada a entrega desse questionário, esperamos as respostas dos alunos, que, gradualmente, foram chegando, estacionando, no entanto, em 48 respostas, o que correspondeu a exatos 40% do número total de alunos.

O gráfico, na sequência, indica a porcentagem de estudantes que responderam o questionário por turmas:

Gráfico 1 – Porcentagem de estudantes que responderam o questionário por turmas



Fonte: Elaboração dos autores.

Para iniciar a apreciação das perguntas de maneira particular, iniciaremos exibindo alguma das respostas junto a uma breve análise do que acharmos relevante, dispendo-nos a analisar de maneira mais profunda o que percebemos da conjuntura geral do questionário no próximo tópico, destinado aos resultados

Iniciamos o questionário indagando quem já tinha ouvido falar a respeito da Rainha Jinga e, das 48 respostas, apenas três foram afirmativas, número que corresponde a menos de 1% dos entrevistados. As respostas de modo geral foram bastante resumidas e os alunos não as desenvolveram, com a maioria respondendo categoricamente que não conhecia nossa personagem.

Antes de ouvir o podcast, vocês já tinham ouvido falar da Rainha Jinga?
1. “Não.”
2. “Infelizmente não.”
3. “Só na aula de história passada.”

Na segunda questão, nós indagamos quais dos conteúdos mais chamaram a atenção desses ouvintes. Cerca de 20 alunos indicaram o seu interesse no fato de Jinga ter sido bem sucedida na sua defesa contra os portugueses, alcançando sucessos militares e mantendo-se no trono até a morte, vencendo a disputa com seus irmãos e reivindicantes ao posto de *soba* de Ndongo.

As respostas indicaram alguns dos caminhos interpretativos que acabaram por se confirmar: o da luta anticolonial e da invisibilização histórica. Foi interessante perceber que já na segunda questão ficou clara a maneira como os estudantes compreenderam o podcast e aquilo que eles consideraram mais relevante:

Quais dos conteúdos abordados no podcast mais chamaram a sua atenção?
1. “Mesmo com as forças portuguesas tendo a maior vantagem, a Njinga não desistiu e persistiu para a liberdade de seu povo e a não colonização europeia. E que a história de Njinga inspirou para a independência da África”
2. “Logo no início me chamou atenção o tema sobre a invisibilidade da história negra, até hoje é apagado ou camuflado fatos importantes da cultura negra e ela foi muito resistente e lutou para conseguir chegar ao posto de rainha.”

Num terceiro momento, perguntamos a percepção dos alunos acerca do processo de construção da aprendizagem com o uso do podcast. Uma ampla gama de respostas surgiu, com algumas indicações de aprendizagens bastante superficiais, alunos demonstrando compreensões parciais e até mesmo comentários com um bom grau de expansão do conteúdo.

<p>O material auxiliou na construção da aprendizagem? Se sim, o que vocês consideram que aprenderam com o podcast?</p>
<p>1. “Esse podcast me apresentou uma figura muito importante da qual eu não conhecia, uma mulher guerreira e forte que resistiu contra os portugueses para proteger seu povo.”</p>
<p>2. “Sim. Aprender sobre a história do povo preto e seus personagens é de extrema importância para mim. Todo conteúdo que não deram nas escolas, falando da resistência e luta do povo negro é importante.”</p>
<p>3. “Apreendi a ser mais resistente e guerreiro.”</p>

Na quarta pergunta, buscamos compreender como os alunos relacionaram a história de Jinga com o conceito de “resistência”. Novamente, a força da Rainha Jinga, enquanto uma mulher governante, guerreira e protetora de Ndongongo contra os portugueses, fez-se presente de maneira majoritária, com alguns alunos, inclusive, destacando a sua grande inteligência e capacidade diplomática.

<p>De que forma vocês identificaram a noção de “resistência” presente na vida da Rainha Jinga?</p>
<p>1. “Sendo mulher, ela não estava no topo da linha de sucessão, mesmo assim lutou para chegar onde queria. Foi a primeira mulher a governar Dongo e passou a ser uma inspiração e referência de poder ”</p>
<p>2. “Identifico como força em meio às dificuldades. Para chegar até onde ela chegou e ser vista como heroína nacional em Angola atualmente, muitas barreiras foram quebradas. Sem dúvidas, a Rainha Jinga é símbolo de resistência por ter conquistado inúmeros títulos, mesmo sendo mulher e negra. Um verdadeiro exemplo de força, determinação e intelectualidade.”</p>
<p>3. “A forma como ela sempre estava disposta a lutar contra a ocupação europeia e a escravidão de seu povo por quatro décadas. A forma como ela negociava também pode ser vista como uma maneira de resistência, a maneira como lutou contra a expansão do comércio de escravos na África central.”</p>
<p>4. “Quando ela usou todos os seus meios para combater o poder colonial português em Angola, sempre resistindo a todas as coisas.”</p>

Na pergunta de número cinco, propusemo-nos a instigar os alunos a relacionar, eles mesmos, subsidiados pelo podcast, a vida de Jinga e o tempo presente. Nessa questão, foi interessante perceber que os estudantes conseguiram trazer um grau de pessoalidade diferente, com respostas um pouco mais naturais, inclusive, um tanto quanto desprendidas da norma culta.

As respostas ficaram no campo esperado: racismo e machismo foram os conceitos mais citados. É evidente que parte da análise é bastante superficial, dado que os estudantes não se aprofundaram nas relações dentro do continente africano, gerando uma imagem idealizada dessa personagem histórica, mas, mesmo assim, podemos considerar o senso crítico demonstrado algo muito positivo.

Quais das questões vivenciadas por Jinga, que, mesmo de maneira diferente, vocês acham que permanecem influenciando no tempo presente?

1. “A guerra das mulheres para ocuparem espaços e sua resistência contra projetos coloniais que os europeus queriam.”
2. “Quando Jinga foi batizada em Luanda, onde assumiu o nome cristão de Ana de Sousa. Isso reflete, na nossa sociedade, a maneira que o “povo branco” quer apagar os traços da origem negra.”
3. “Não é tão diferente não, visse... Ela APENAS por ser mulher teve certas dificuldades, não foi fácil conseguir o trono e o poder. Hoje em dia, é a mesma coisa, os homens conseguem tudo o que querem de maneira mais fácil que as mulheres. Nós temos que nos esforçar 10x mais pra conseguir 1% do que os homens conseguem sem taaaanto esforço.”

Já na sexta e penúltima pergunta, abrimos um espaço para dúvidas, em que os estudantes podiam registrar os seus questionamentos, fosse para compreender melhor algum aspecto ou até mesmo expandir um pouco o assunto do podcast.

Embora muitos alunos tenham indicado não ter dúvidas, algumas das perguntas que surgiram foram muito pertinentes, indicando curiosidade acerca das relações culturais de Jinga com o seu povo, principalmente, após o processo de aproximação com os europeus, apontando curiosidade acerca de outras figuras invisibilizadas do continente africano e até mesmo sobre a sucessão do trono de Ndongu.



Quais dúvidas e perguntas esse podcast lhe proporcionou?
1. “Fiquei me questionando se o povo dela não se virou contra ela depois que ela se converteu ao catolicismo e abandonou a religião do povo dela.”
2. “Gostaria muito de ouvir mais histórias sobre as figuras históricas que, por preconceito, são abafadas e não são passadas à frente.”
3. “Se ela lutava para seu povo ser livre, porque vendeu seu povo como escravo?”
4. “A única dúvida: o que aconteceu com as terras da rainha Jinga após a sua morte? Foram tomadas pelos portugueses? Jinga deixou sucessores?”

A sétima e última pergunta era um espaço bastante aberto ao diálogo, em que os alunos poderiam tecer críticas, comentários, sugestões ou o que desejassem falar. E as respostas foram as mais diversas: muitos elogiando o conteúdo e agradecendo, sugerindo outros temas similares para mais podcasts, críticas relacionadas ao formato do conteúdo, com alunos sugerindo programas mais curtos e até mesmo em forma de vídeo.

Sinta-se livre para sugerir, criticar, ou tecer qualquer comentário sobre o podcast, ajudando-nos a melhorar nas próximas produções.
1. “Bom, em minha opinião, ficou muito longo, poderia ser bem mais resumido. O podcast é muito longo, a pessoa acaba perdendo o foco e a explicação.”
2. “O podcast estava simplesmente maravilhoso, a história, a sonoridade, a forma como os fatos foram apresentados de forma simples e interessante e tudo mais. Quero agradecer ao pessoal, gostei muito.”
3. “Vocês poderiam falar sobre os indígenas também, contando a visão deles sobre o que passaram e ainda passam no Brasil. Seria bom também se uma das pessoas que estivesse no podcast fosse indígena, assim vocês poderiam bater um papo e afins... :)”
4. “Nunca tive uma aula, específica, falando sobre algum personagem negro. Sempre procuro buscar e estudar isso, mas de forma independente. Achei muito bom trazer a Rainha Jinga para as aulas. Gostaria que isso acontecesse mais vezes, não só em novembro. É importante entender o passado para poder traçar nosso futuro. Aprender sobre o povo preto é essencial para a construção da identidade das pessoas pretas.”

## RESULTADOS E PERSPECTIVAS

Para além do prognóstico individual de cada pergunta, em que listamos, de modo geral, respostas que consideramos sintomáticas da percepção dos estudantes quanto ao podcast, é importante traçar um panorama mais geral que sirva de indicativo de algumas problemáticas presentes nas entrelinhas ou em respostas que acabamos por não exibir no tópico anterior.

Uma das coisas que notamos rapidamente foi o altíssimo número de respostas similares ou até mesmo idênticas, o que nos indicou um percentual bem alto de plágio, com os alunos compartilhando as respostas entre si. A professora responsável pela nossa supervisão alertou sobre essa possibilidade, dado que, no formato on-line, os alunos compartilham as respostas entre si por via das redes sociais, o que muito provavelmente aconteceu nesse caso.

Recuando um pouco no tempo, não é difícil surpreender-se com essa realidade. Enquanto pibidianos, realizamos oficinas em que observamos a mesma prática se repetindo, com plágios “internos”, em que eles compartilham entre si, e com plágios “externos”, quando os alunos copiam *ipsis litteris* informações encontradas na Wikipédia e em outros sites da internet.

No mês de outubro de 2021, após identificar essa prática em uma outra atividade realizada pelo mesmo grupo de pibidianos, produzimos um momento chamado “Oficina de Pesquisa”. Nessa oportunidade discutimos com os alunos sobre pesquisa, a diferença dessa ação nos âmbitos escolar e acadêmico, demos dicas sobre como identificar fontes confiáveis e até mesmo conscientizamos sobre os perigos de um plágio, indicando as maneiras corretas de incluir a produção de outra pessoa na sua própria produção.

Na realidade, o ato de plagiar ou, como costuma chamar-se no ambiente escolar, “filar” ou “colar”, permanece sendo uma prática naturalizada entre os alunos, que não identificam – talvez por falta de maturidade – os males causados pela negligência com o conteúdo estudado. Por outro lado, em alguns casos, há um exagero na demanda exigida pelos professores, que, muitas vezes, não compreendem a limitação do tempo e as dificuldades específicas do contexto pandêmico, potencializando ainda mais a já “conveniente” prática do plágio.

Para além desse aspecto, sentimos a falta da participação de muitos alunos que acabaram por não responder o questionário. Atribuímos essa ausência à

falta de contato presencial, dado que, quando passamos a acompanhar as aulas presenciais – fevereiro e março de 2022, cerca de três meses após a publicação do podcast e a aplicação do questionário – muitos alunos sequer conseguiram relacionar a nossa presença na escola, enquanto pibidianos, com o podcast produzido por nós. Em outros termos, embora tenhamos estado presentes em dezenas de suas aulas remotas, a desatenção dos estudantes impediu até mesmo de reconhecer a nossa presença a partir do retorno ao presencial.

Adicionalmente, em algum nível, a falta de cobrança também ocupou um papel nessa ausência por parte dos alunos. Entendemos que havia a necessidade de que a professora responsável se posicionasse um pouco mais no intuito de incentivar e explicitar a importância de responder o questionário, como um instrumento de construção do conhecimento. Ao permitir a falta de comprometimento com a atividade proposta, o processo acabou por não se concluir completamente para alguns desses estudantes.

Pelas respostas de alguns dos estudantes, é possível que o podcast tenha passado um pouco do tempo ideal, dado que essa foi uma crítica encontrada em algumas das respostas. O controle da duração do podcast era uma missão preestabelecida, pois, em nossa pesquisa, já havíamos entrado em contato com a ideia de que, cada vez mais, há uma dificuldade dos indivíduos, principalmente aqueles mais jovens, manterem-se focados por muito tempo. Consideramos que 30 minutos seria um tempo viável, no entanto, hoje, é possível que pensássemos em construir um material um pouco mais curto, sem perder qualidade, mas aprofundando menos em determinadas questões que acabaram, inclusive, por ser bastante secundarizadas ou até mesmo ignoradas pelos estudantes na resposta dos questionários.

Uma das nossas principais autocríticas é em relação à formulação das questões. Recebidas e analisadas as respostas dos questionários, demos conta que poderíamos ter direcionado essa atividade para um caminho um pouco mais discursivo, que permitisse com que a vivência e a observação cotidiana desses estudantes pudesse ser mais evidenciada, como no caso na quinta questão, espaço em que os estudantes fizeram excelentes relações com o tempo presente. Por exemplo: na segunda questão, em que perguntamos “Quais dos conteúdos abordados no podcast mais chamaram a sua atenção?”, consideramos que poderíamos ter elaborado um pouco mais, pedindo para que os estudantes pensassem em um momento específico da vida de Jinga e

narrado no podcast, relacionando os conceitos que foram bem compreendidos por eles.

O desconhecimento dos estudantes acerca da existência da Rainha Jinga já era esperado, dado o déficit de conteúdos escolares voltados à História do continente africano, facilmente identificável no sumário de qualquer livro didático, principalmente no que diz respeito a uma visão de sociedades africanas enquanto protagonistas. O resultado dessa questão revelou-nos que, percebendo o distanciamento histórico entre esses estudantes e o objeto de estudo, deveríamos planejar não apenas uma aula de 40 minutos para introduzir a temática, mas propor uma sequência didática de algumas aulas apresentando e despertando o interesse desses estudantes para o conteúdo do podcast. No fim das contas, em alguns aspectos, a história de Jinga acabou por ficar descontextualizada no imaginário dos estudantes, possuidores de pouco contato com o século XVII no continente africano. Cabia-nos a responsabilidade de situar isso historicamente.

Uma das possíveis consequências desse distanciamento e imaturidade histórica talvez tenha sido algumas idealizações por parte dos estudantes, que não indicaram uma compreensão crítica da complexidade histórica da vida de uma governante africana no século XVII. Alguns estudantes, em suas respostas, indagaram como uma “mulher boa” pode ter feito alguns de seu povo como escravos, enquanto outros questionaram se era, de fato, necessário que ela se convertesse ao catolicismo.

A falta de subsídio sobre a escravidão e a sua influência no continente africano e as diferenças entre as disputas internas e o imperialismo europeu podem ter proporcionado alguma dificuldade de compreender a história desses indivíduos. Em outros termos, fez falta não termos indicado Jinga como uma figura histórica do seu tempo, que vivenciou a sua realidade e, acima de tudo, como uma pessoa que tomou atitudes e decisões voltadas a defender os seus e, evidentemente, a si mesma.

No entanto, mesmo com algumas falhas, entendemos que o podcast cumpriu um dos seus principais objetivos: despertou o interesse dos estudantes, alertando-os para a existência de uma História muito pouco explorada, de um continente africano que não se restringe ao lugar de escravizado, ignorado enquanto protagonista a partir a queda do Império Egípcio, como, por muito tempo, foi comum no ensino de História. Ler alguns estudantes indi-

cando o seu interesse em conhecer mais, com alguns, inclusive, pedindo outros podcasts ligados à vida de pessoas pretas foi inspirador e tocante, já que nos promove a sensação de dever cumprido na nossa missão de incentivar os jovens estudantes, principalmente, em tempos sombrios de desinformação e revisionismo histórico.

As respostas indicaram que alguns estudantes compreenderam muito bem o movimento de luta anticolonial liderado por Jinga de Angola, percebendo, inclusive, o impacto cultural posterior, tornando-se um símbolo importante para o processo de independência de Angola séculos depois. É também interessante notar que muitos desses estudantes mostraram-se satisfeitos em conhecer uma história de vitórias e conquistas de uma mulher negra, tornando claro o que imaginávamos: é vital narrar essas vidas sob a ótica dos seus próprios protagonistas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muitos meses, construímos o podcast, iniciando com um longo planejamento, seguindo para um amplo levantamento bibliográfico sobre o gênero podcast, sobre o uso dele na sala de aula e, evidentemente, sobre a vida da Rainha Jinga, passamos adiante na roteirização, gravação e edição do podcast, para concluir com a aplicação dos resultados e a análise das respostas.

Escrever este relato de experiência cumpriu o papel de arrematar esse que foi o maior projeto escolar/acadêmico das nossas vidas até então. É indiscutível o quanto conseguimos aprender durante esse processo, tanto com aquilo que verificamos ser eficaz na sala de aula, mas, principalmente, atentando-nos aos nossos enganos e falhas, evoluindo enquanto docentes em formação.

Acreditamos que esse material pôde contribuir com a formação intelectual e crítica desses estudantes, para além de potencializar o interesse histórico de alguns deles, aguçando as suas curiosidades epistemológicas, o que, para nós, reforça o valor indiscutível de projetos como o PIBID, semeadores importantes na formação de futuros professores e jovens estudantes.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.
- CAIMI, Flávia Eloísa. *Geração Homo zappiens na escola: os novos suportes de informação e a aprendizagem histórica*. In: ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; RIBEIRO, Jaime; CIAMBARELLA, Alessandra (orgs.). *Ensino de História: usos do passado, memória e mídia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2014. p. 165-186.
- FONSECA, Mariana Bracks. *Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora*. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-31072018-172020/en.php>. Acesso em: 06 mar. 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 25ª Edição. São Paulo, PAZ E TERRA, 1996.
- Pesquisa mostra desigualdade no acesso à internet entre alunos. *CORREIO BRAZILIENSE*, Brasília, Distrito Federal. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4931472-pesquisa-mostra-desigualdade-no-acesso-a-internet-entre-alunos.html>. Acesso em: 06 mar. 2022.
- HEYWOOD, Linda M. *Jinga de Angola: a rainha Guerreira da África*. São Paulo. Ed. Todavia. 2019.
- HOOKS, Bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Editora Elefante, 2020.
- JAQUES, Felipe Estevam. *Podcast e o ensino de História: análise de duas propostas realizadas no Profhistória e apresentação de uma nova perspectiva*. XIII Encontro Estadual de História: Histórias e Mídias: narrativas em disputa. ANPUH, Recife, 2020. Disponível em: <https://www.encontro2020.pe.anpuh.org/anais/trabalhos/trabalhosaprovados>. Acesso em: 06 mar. 2022.
- PEREIRA, Márcia; SILVA, Maurício. Percurso da Lei 10639/03: antecedentes e desdobramentos. *Linguagens & Cidadania*, n. 14, v. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/23810>. Acesso em: 03 mai. 2023.
- NEITZEL, Adair; FERREIRA, Valéria; COSTA, Denise. Os impactos do Pibid nas licenciaturas e na Educação Básica. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 18, n. especial, 2013, p. 98-121. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/2062>. Acesso em: 03 mai. 2023.

## NOTAS

<sup>1</sup> Agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), órgão responsável por financiar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBD).

<sup>2</sup> A Escola Técnica Estadual Dom Bosco se localiza na Estrada do Arraial, n. 3208, Casa Amarela, Recife, Pernambuco e pertence à rede pública estadual de ensino, sob a jurisdição da Gerência Regional de Educação Recife Norte. Em 2020, o Governo do Estado transformou a Escola Dom Bosco em Escola Técnica Estadual Dom Bosco, para a oferta de cursos de Educação Profissional Técnica Integrada ao Ensino Médio.

<sup>3</sup> Termo cunhado pelos holandeses Wim Veen e Ben Vrakking, no livro intitulado “Homo zappiens: educando na era digital”, e retomado pela historiadora Flávia Caimi para definir a relação dos jovens estudantes com a tecnologia, possibilitadora de uma dinamicidade bastante alta no que diz respeito ao acesso à informação.

<sup>4</sup> Rainha Jinga. Apresentação: Gabriela Vasconcelos, Rodrigo Neves e Pedro Ivo. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5pFCWiaBgBHTPSSuGFNDxq>. Acesso em: 06 mar. 2022.

<sup>5</sup> Pesquisa autorizada pelo Conselho de Ética e Pesquisa da UFRPE e Plataforma Brasil. Ciência, contexto e práticas de letramentos: Da universidade para a escola. Código de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 44271821.4.0000.9547.



Artigo submetido em 21 de março de 2022.  
Aprovado em 2 de maio de 2023.